



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472

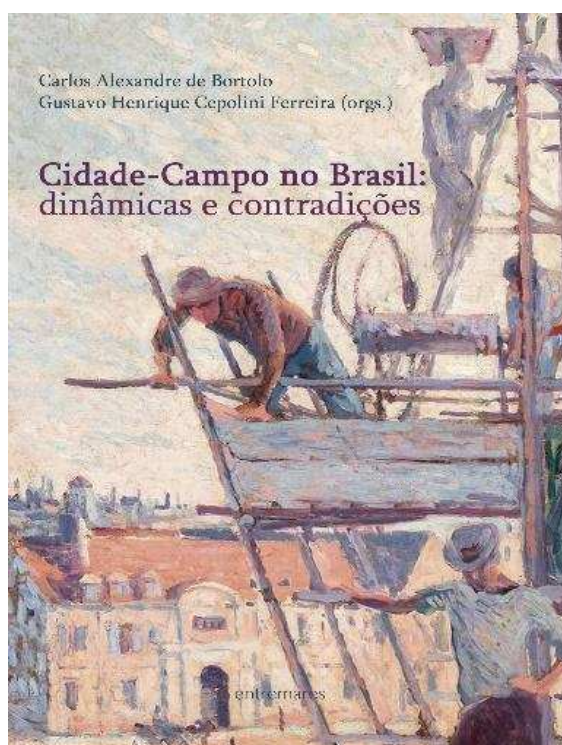


Cidade-Campo no Brasil: dinâmicas e contradições

Paulo Ricardo Santos Miranda ¹ 

¹Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, MG, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9215-1995>



A dicotomia entre cidade e campo no Brasil nunca foi tão tênue — ou tão explosiva. A coletânea Cidade-Campo no Brasil: dinâmicas e contradições (2020), organizada por Carlos

Alexandre de Bortolo e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira, joga luz sobre essa zona de turbulência, onde a especulação imobiliária avança sobre terras agrícolas, o agronegócio redefine territórios tradicionais e a precariedade urbana se mistura com o êxodo rural. O prefácio de Gustavo Prieto e Elisa Favaro Verdi já adianta o tom da obra: longe de serem polos opostos, cidade e campo são faces da mesma moeda cunhada pelo capital, como demonstram os 13 capítulos que seguem.

Se o livro começa com uma análise teórica afiada, ancorada no materialismo histórico-dialético, é para desmontar mitos persistentes: não se trata mais de enxergar o campo como "atrasado" e a cidade como "moderna", mas de entender como ambos são atravessados por contradições que alimentam desigualdades. Essa premissa ganha carne em estudos de caso como o periurbano de Uberlândia, onde chácaras ilegais maquiadas de ruralidade escondem a lógica perversa da mercantilização do solo (Capítulo 1), ou na proposta frustrada da Região Metropolitana de Montes Claros, que revela os limites do planejamento urbano em contextos de fragmentação socioespacial (Capítulo 2).

Mas a obra não se restringe ao urbano. Ao saltar para o Nordeste (Capítulo 7) e para a Amazônia (Capítulo 8), os autores mostram como políticas públicas — de irrigação a projetos de colonização — muitas vezes servem como vetores de acumulação capitalista, esmagando modos de vida camponeses. É aqui que a coletânea atinge seu ponto mais urgente: ao expor conflitos como os do Projeto Jaíba (Capítulo 12) ou da Liga dos Camponeses Pobres (Capítulo 13), ela desvela a violência fundiária como um projeto inacabado da formação brasileira.

No entanto, essa riqueza tem um preço. A diversidade de temas, embora valiosa, fragmenta o fio condutor da obra, e a ausência de vozes indígenas e quilombolas — agentes centrais na luta por território — deixa lacunas gritantes. Ainda assim, o livro cumpre um papel essencial: é um convite a enxergar o Brasil para além de cartografias oficiais, nas fissuras onde a vida.

A relação cidade-campo no Brasil contemporâneo configura um dos mais complexos dilemas de nossa formação socioespacial. A coletânea "Cidade-Campo no Brasil: dinâmicas e contradições" (2020), organizada por Carlos Alexandre de Bortolo e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira, surge como ferramenta analítica essencial para desvendar este labirinto territorial. Num país onde o agronegócio convive com favelas, onde o êxodo rural se mistura à especulação imobiliária, esta obra oferece um mapa crítico indispensável.

O livro ganha especial relevância em um momento histórico particularmente contraditório: enquanto o censo revela a continuidade do êxodo rural, percebemos uma urbanização que não industrializa, nem inclui socialmente. A fronteira entre urbano e rural torna-se cada vez mais difusa, criando zonas periurbanas que concentram algumas das piores contradições do desenvolvimento brasileiro. É neste contexto que a obra se insere, oferecendo uma análise que supera visões simplistas e dicotômicas.

Fundamentos Teóricos: A Geografia Crítica em Ação

A coletânea se estrutura em 13 capítulos precedidos por um prefácio instigante de Gustavo Prieto e Elisa Favaro Verdi. Os organizadores adotam como fio condutor a teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre, articulada com a tradição crítica brasileira representada por Milton Santos. Essa base teórica permite analisar como o espaço geográfico é simultaneamente produto e condição dos processos sociais.

A abordagem materialista-dialética adotada revela-se particularmente fértil para entender três processos fundamentais: primeiro, a mercantilização do espaço como fenômeno unificador que atravessa tanto o urbano quanto o rural; segundo, a dialética da segregação que se manifesta tanto na fragmentação das cidades quanto na concentração fundiária no campo; terceiro, as formas de resistência territorial que emergem como resposta à espoliação capitalista.

A Farsa do Periurbano: O Caso de Uberlândia

O estudo sobre Uberlândia (Capítulo 1) de autoria de Beatriz Ribeiro Soares, Josimar dos Reis de Souza e Tatiana Silva Souza, desvela com precisão cirúrgica o mito do "retorno ao campo". Na prática, o que se observa na zona periurbana da cidade é um processo perverso de valorização especulativa do solo disfarçado de ruralidade. Os dados reveladores apresentados pelos autores mostram que 78% dos lotes nestas áreas não possuem regularização fundiária, enquanto o valor do metro quadrado aumentou 340% em apenas cinco anos.

A análise demonstra como o discurso da "vida no campo" serve de cortina de fumaça para um modelo excludente: as chácaras e sítios irregulares multiplicam-se sem qualquer infraestrutura urbana básica, criando bolsões de pobreza sem acesso a água potável, esgoto ou energia elétrica regularizada. O mais paradoxal é que estas áreas, embora apresentem uma

estética rural, funcionam de acordo com a lógica urbana da valorização do solo como mercadoria.

O Fracasso do Planejamento Regional: Montes Claros

A análise da proposta de criação da Região Metropolitana de Montes Claros (Capítulo 2) de autoria de Iara Soares de França, Anete Marília Pereira e Valéria Aparecida Moreira Costa, expõe as entranhas do fracasso do planejamento regional no Brasil. As autoras demonstram como, mesmo em cidades médias, reproduzem-se os mesmos mecanismos de exclusão territorial típicos das grandes metrópoles. O estudo de caso revela três contradições fundamentais: A falácia do desenvolvimento regional integrado, que na prática mascara a concentração de recursos na cidade polo; A reprodução ampliada das desigualdades, onde municípios menores tornam-se meras cidades-dormitório; O abismo entre o discurso técnico do planejamento e a realidade da gestão urbana fragmentada.

A Industrialização Perversa: O Caso Paulista

O capítulo sobre São Paulo (Capítulo 3), o autor Paulo Fernando Jurado da Silva, oferece uma das análises mais contundentes da coletânea ao desvendar os mecanismos da industrialização periférica. A pesquisa demonstra como o desenvolvimento industrial no estado criou não apenas riqueza, mas também hierarquias territoriais rígidas e intransponíveis. O processo histórico analisado revela como a crise de 1929 serviu de catalisador para um modelo industrial dependente e concentrado, a formação de um arquipélago econômico onde poucos polos prosperam às custas do atraso das periferias regionais.

A perpetuação do modelo centro-periferia mesmo dentro do estado mais rico da federação.

Espaços Públicos em Crise: A Face Urbana das Contradições

Os capítulos sobre Montes Claros (4,5,6) revelam um padrão preocupante na produção do espaço urbano. Enquanto os parques urbanos (Cap.4) deveriam ser espaços democráticos, tornam-se espelhos da segregação - com o Parque Milton Prates recebendo 3x mais investimentos que áreas periféricas de acordo com os autores Maria Vitória Xavier Dias Rocha e Carlos Alexandre Bortolo. Essa lógica se repete na Lagoa Interlagos (Cap.5), escrito por Christiana de Castro Nogueira Alcântara e Carlos Alexandre de Bortolo, onde um projeto

público transformou-se em âncora para especulação imobiliária, com lotes no entorno valorizando 400% em uma década. Não por acaso, como mostra o Cap.6 escritos por Ana Paula Pereira de Souza, a cidade possui apenas 2,3m² de área verde/habitante - menos da metade do recomendado pela OMS.

Conflitos Fundiários: Do Norte de Minas ao Nordeste e a Amazônia

Os estudos sobre o Nordeste (Capítulo 7) de autoria de Ana Paula Pereira de Souza, Amazônia (Capítulo 8- Tiago Maiká Muller Scwade) e Projeto Jaíba (Capítulo 12- Aline Fernanda Cardoso) compõem um painel abrangente da violência fundiária brasileira. A análise comparativa permite identificar padrões comuns em regiões aparentemente distintas:

A face perversa da "modernização agrícola", que na prática significa expropriação e concentração fundiária. O papel ambíguo do Estado, que através de políticas públicas como os perímetros irrigados acaba servindo aos interesses do capital além das estratégias diversas de resistência camponesa, que vão desde a ocupação de terras até a criação de mercados alternativos.

Do Urbano ao Agrário: A Mesma Lógica do Capital

Se na cidade a mercantilização do espaço é evidente, no campo (Caps.9,10,13) o processo é igualmente perverso. A pecuarização no MS (Cap.9- Anderson Bertholi) avançou sobre 1,2 milhão de hectares de terras tradicionais, enquanto em São Paulo (Cap.10- Ricardo Manffrenatti Venturelli) a "terra de alguma coisa" virou commodity, com propriedades rurais sendo negociadas como ativos financeiros. Diante disso, a Liga dos Camponeses Pobres (Cap.13- Anderson Bertoli, David Batista Batella e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira) emerge não como anomalia, mas como resposta orgânica - com 78 ocupações registradas no período.

Resistências e Alternativas: O Caso da Agricultura Urbana

Nesse contexto, a agricultura urbana em Montes Claros (Cap.11- Deyvison Lopes de Siqueira e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira) ganha novo significado. Mais que produção de alimentos, representa uma reconquista do espaço mercantilizado - com 127 hortas comunitárias mapeadas, 43% em terrenos ociosos. Se nos parques a cidade mostra suas contradições, nas hortas aponta possibilidades: onde o capital vê terrenos desvalorizados, moradores veem soberania alimentar.

Contribuições Teóricas e Limitações

A obra avança significativamente na superação da dicotomia cidade-campo, oferecendo uma análise integrada do território que considera as múltiplas escalas da produção do espaço. A abordagem multiescalar permite conectar processos aparentemente desconexos, como a especulação imobiliária urbana e a grilagem de terras no campo.

Entretanto, algumas limitações merecem destaque: a ausência de vozes subalternas (indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais) empobrece a análise; a falta de diálogo mais explícito entre os capítulos fragiliza a unidade da obra; e a pouca atenção dada às alternativas concretas que emergem dos conflitos limita o potencial propositivo do trabalho.

Conclusão: Para Além da Crítica

Mais que um diagnóstico, "Cidade-Campo no Brasil" oferece um mapa crítico do território brasileiro contemporâneo. Sua principal contribuição está em demonstrar como urbanização e agronegócio são faces complementares de um mesmo projeto de espoliação territorial. As desigualdades analisadas não são acidentais, mas estruturantes do nosso modelo de desenvolvimento.

Essa coletânea termina por sugerir, mesmo que implicitamente, que a resistência permanece como possibilidade histórica. Para futuras pesquisas, sugere-se: incorporar perspectivas decoloniais que deem voz aos grupos subalternos; estudar experiências concretas de transição agroecológica; e mapear novas formas de habitação popular que emergem nas franjas urbanas.

Em tempos de crise civilizatória, obras como esta são faróis indispensáveis para navegar no turbulento mar das contradições brasileiras. Resta agora transformar a crítica em ação, a análise em projeto, a denúncia em alternativa. Afinal, como sugerem os organizadores, outro mundo não apenas é possível - é urgentemente necessário. Insiste em resistir.

REFERÊNCIAS

BORTOLO, Carlos A. de ; FERREIRA, GUSTAVO H. C (Orgs.) . **Cidade-campo no Brasil: dinâmicas e contradições**. 1. ed. São Paulo: ENTREMARES, 2021. v. 1. 264p .

Paulo Ricardo Santos Miranda

Bacharel em Engenharia Florestal pela UFMG (2021), Bacharel em Administração pela Unimontes (2013), Psicanalista Clínico pela Escola de Psicanálise Clínica Sigmund Freud –SPSIG (2023). Atualmente está como estudante pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) pela Unimontes, e pós-graduando *latu sensu* em geoprocessamento pela UFABC e Gestão pública pela UFG. Possui experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos temas: geografia agrária, reforma agrária, ensino, políticas ambientais e cartografia. É membro e pesquisador bolsista pela FAPEMIG, atuando no Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários- NEPRA/UNIMONTES

Email: mppauloricardo@gmail.com